

***A Pál Utcai Fiúk*: um olhar discursivo sobre as modalidades tradutórias nas traduções da obra em inglês e português**

Evandro Oliveira Monteiro*

RESUMO: Como um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso, defendido pelo autor no ano de 2016, este artigo apresenta uma análise de traduções da obra húngara *A Pál Utcai Fiúk* de Ferenc Molnár para as línguas inglesa norte-americana – *The Paul Street Boys*, por Louis Rittenberg – e portuguesa brasileira – *Os Meninos da Rua Paulo*, por Paulo Rónai, com edição revista e anotada por Nelson Ascher. Tomando por base teórica a Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux, são analisados aspectos como domesticação, heterogeneidade de vozes e imaginários de leitores.

Palavras-chave: *A Pál Utcai Fiúk*; *Os Meninos da Rua Paulo*; *The Paul Street Boys*; tradução; análise do discurso.

ABSTRACT: Extracted part from the author's monograph which was presented in 2016, this article focuses on translations of the Hungarian book *A Pál Utcai Fiúk* by Ferenc Molnár into North-American English – *The Paul Street Boys*, by the translator Louis Rittenberg – and into Brazilian Portuguese – *Os Meninos da Rua Paulo*, by the translator Paulo Rónai with review and comments from Nelson Ascher. Having the French field of Discourse Analysis as theoretical support, translation aspects as domestication, speech heterogeneity and imaginary of readers are analyzed.

Keywords: *A Pál Utcai Fiúk*; *Os Meninos da Rua Paulo*; *The Paul Street Boys*; translation; discourse analysis.

Introdução

Neste texto, analisamos traduções da obra húngara *A Pál Utcai Fiúk* (1907), de Ferenc Molnár. Trata-se de duas edições (de 1952 e 2005) da tradução em português brasileiro, *Os Meninos da Rua Paulo*, realizada por Paulo Rónai – sendo que a mais recente contém revisão, notas e posfácio de Nelson Ascher –, e a edição de 2015 da tradução de 1927 em inglês norte-americano, *The Paul Street Boys*, de Louis Rittenberg.

Com base na perspectiva teórica da Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux (doravante AD), buscamos identificar as formas de marcação da presença dos tradutores nos textos, a partir da observação das modalidades tradutórias utilizadas. Isto é, procuramos mostrar a pluralidade de vozes que formam os textos e que caminhos de leitura podem produzir. Além disso, verificamos que imaginários de leitores podem ser identificados por meio da forma de construção das obras.

Ao realizarmos um trabalho de análise a partir da ótica pêcheuxtiana, segundo Orlandi (2009, p. 17), partimos da “ideia de que a materialidade específica da ideologia

*Bacharel em Letras Português-Inglês e mestrando em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua” e consideramos que “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”.

Observar a tradução por essa perspectiva se torna um terreno fértil para pesquisas, uma vez que se considera a não estabilidade e não transparência do sentido, e se trabalha, de acordo com Mittmann (2003, p. 38), “polemizando as evidências e a autonomia do sistema” da língua. Para a AD,

o sentido de uma palavra, uma expressão, de uma proposição etc. não existe “em si mesmo” (...) é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (...) as palavras, expressões, proposições etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. (PÊCHEUX, 1995, p. 160 – destaques do autor).

Neste trabalho, a fim de discutir aspectos tradutórios, serão analisadas algumas sequências discursivas (SDs) das traduções *Os Meninos da Rua Paulo* e *The Paul Street Boys* que mostrem certas técnicas tradutórias, chamadas de *modalidades de tradução* – aqui tomadas de Aubert (1998), que, ao listar diferentes recursos, os avalia como um modelo “utilizado para fins descritivos” da tradução. Lidaremos com dois tipos de modalidades utilizadas por Rittenberg e Rónai nas traduções: transposição e explicitação.

Antes da análise, contudo, é importante situarmos alguns aspectos gerais das condições de produção relacionadas com a obra, uma vez que seguimos uma perspectiva que considera a relação intrínseca entre língua e história. Por isso, apresentamos, a seguir, informações básicas do contexto histórico das obras.

1. As modalidades de tradução

Os recursos utilizáveis pelos tradutores no processo tradutório são organizados, de acordo com Aubert (1998, p. 102), “em forma de uma escala partindo de um ‘grau zero’ da tradução (o empréstimo) e atingindo, em seu outro extremo, o procedimento mais distante do texto-fonte (a adaptação)”. Apesar de, nesta análise, trabalharmos com apenas alguns dos procedimentos, listaremos abaixo, de forma breve, as treze modalidades de tradução apresentadas pelo autor (1998, p. 105-110), seguidas da explicação fornecida por ele:

1. *Omissão*: trata-se do caso em que um segmento do texto fonte “não pode ser recuperado no texto meta”, por motivos que vão de censura até limitações de espaço.

2. *Transcrição*: “inclui segmentos de texto que pertençam ao acervo de ambas as línguas envolvidas” na tradução (ex: algarismos), ou, ao contrário, segmentos que não pertencem “nem à língua fonte nem à língua meta, e sim a uma terceira língua”.

3. *Empréstimo*: “é um segmento textual do texto fonte reproduzido no texto meta”.

4. *Decalque*: acontece quando uma palavra ou expressão é “emprestada da língua fonte”, mas sofre “adaptações gráficas e/ou morfológicas para conformar-se às convenções da língua fonte”.

5. *Tradução Literal*: onde observa-se “(i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as ‘mesmas’ categorias gramaticais e (iv)

contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser tidas por sendo sinônimos interlinguísticos”, ou seja, trata-se da “tradução palavra-por-palavra”.

6. *Transposição*: similar à tradução literal, no entanto, com “rearranjos morfosintáticos”.

7. *Explicitação/Implicação*: ocorre quando informações implícitas no texto fonte são explicitadas no texto meta por meio de apostos, paráfrase, nota de rodapé etc. (explicitação), ou, ao contrário, quando conteúdos explícitos no texto fonte ficam implícitos no texto meta (implicação).

8. *Modulação*: acontece quando um “segmento textual for traduzido de modo a impor um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto”.

9. *Adaptação*: é a modalidade que “estabelece uma equivalência parcial de sentido”, já que “denota uma assimilação cultural”. (ex: *Sheriff* [inglês] - Delegado de Polícia [português]).

10. *Tradução Intersemiótica*: é a “descrição” em forma escrita de símbolos, figuras, logotipos etc., comum na área de tradução juramentada.

11. *Erro*: são os casos evidentes e extremos de enganos e descuido na tradução.

12. *Correção*: quando o tradutor corrige “erros” ou inadequações factuais ou linguísticos presentes no texto fonte.

13. *Acréscimo*: diz respeito a “qualquer segmento textual incluído no texto alvo (...) não motivado por qualquer conteúdo explícito ou implícito do texto original”.

Em nossas SDs, veremos as noções de *transposição* e *explicitação*¹ (não)utilizadas por Rónai e Rittenberg, tradutores das traduções em português e em inglês, respectivamente. No entanto, antes de partirmos para a análise, é adequado situar o leitor deste trabalho em alguns aspectos gerais das *condições de produção* em que foram produzidos tanto o texto fonte quanto as traduções, uma vez que seguimos uma perspectiva teórica que considera a relação intrínseca entre língua e história. Por essa razão, traremos, na seção a seguir, informações básicas do contexto histórico das obras.

2. A obra: breve resumo

A história se passa na Budapeste de 1889. Entre o grupo dos meninos da rua Paulo, destacam-se: Boka – o mais velho e líder do grupo –, Geréb – que viria a ser o traidor do grupo – e Nemeček, que, ao oposto de Boka, era a figura mais “sem importância”, entretanto, viria a ser o herói da história. Eles se encontram para brincadeiras e reuniões em um terreno baldio localizado na rua Paulo, o *grund* (termo que, entre outras definições, pode designar *terra*, em alemão).

Um duelo acontece porque um grupo rival, os camisas-vermelhas, liderado por Chico Áts e com a ajuda de Geréb, ameaça invadir e tomar posse do local. A batalha para manter o domínio do território é o que vai movimentar os meninos durante a maior parte da obra. Com isso, os da rua Paulo se organizam e traçam planos de batalha. No dia do confronto, em meio à luta, o soldado Nemeček, que havia ficado em casa por estar doente e não poder participar do duelo, aparece de surpresa, derrota o inimigo e ajuda seus companheiros a darem um ponto final na briga. Dá-se, aí, a vitória do grupo

¹ Embora, como dissemos logo acima, não explorarmos todas as modalidades no presente trabalho, é importante deixar claro que, ao seguir os passos da AD, situamo-nos em uma posição diferente da ocupada por Aubert, pois não vemos a modalidade de empréstimo, por exemplo, como um “grau zero” de tradução, já que, mesmo sendo um empréstimo, as condições de produção da tradução são outras, diferentes daquelas do texto fonte. Usaremos tais modalidades para fins de descrição breve das técnicas de tradução, pois na AD são poucos os estudos que tratam de tais recursos de forma completa.

da rua Paulo, mas, também, o agravamento da doença de Nemeček, que, dias que após ser promovido a capitão do grupo devido à sua grande valentia no duelo final, morre na humilde casa em que vivia com seus pais. Nemeček, que se manteve como um exemplo de coragem e lealdade, recebe saudações de honra inclusive por parte dos rivais.

A *Pál Utcai Fiúk* é um dos principais trabalhos literários da Hungria, sendo cultuado nos níveis básicos das escolas do país por poder ser considerado como uma metáfora da história da nação até o século XIX. Na próxima seção, exemplificaremos, após uma breve contextualização histórica, um dos pontos dessas associações possíveis entre a história e o enredo.

3. Contexto histórico

Até quase o final do século XIX, Budapeste, na verdade, era duas cidades, Buda e Peste, divididas pelo rio Danúbio. Na época, as cidades ainda respiravam os ares de revolução, decorrentes da Guerra da Independência (1848). Nessa batalha, o povo húngaro lutou para sair dos domínios do governo Habsburgo austríaco. Lukacs explica que

as duas cidades sofreram os bombardeios de um cerco. Porém, menos de vinte anos depois, os imperadores da Áustria e seu ministério optaram por oferecer um acordo à Hungria, o chamado *Ausgleich* de 1867, pelo qual a Hungria recebeu uma parte substancial dos privilégios e independência que seus líderes tinham exigido em 1848. (...) O nome oficial do Império Austríaco passou a ser Áustria-Hungria. (2009, p. 92).

A unificação da cidade ocorreu em 1873, de forma difícil por uma questão de diferenças ideológicas. Buda era composta predominantemente por alemães, que não queriam a independência, e, por isso, “foi em Peste que a revolução começou. (...) Buda representava a porção alemã, transdanubiana, católica e antinacionalista da Hungria, com suas inevitáveis ligações com os Habsburgo” (Ibid., p. 93).

Para exemplificar uma das relações metafóricas possíveis entre aspectos históricos e o livro, acionamos a noção de *memória* sob a ótica de Pêcheux, que explica que ela “vem restabelecer os ‘implícitos’ (...) de que *sua leitura necessita*: a condição do legível em relação ao próprio legível” (1999, p. 52 – destaque nosso). “É o já dito que constitui todo dizer”, reitera Orlandi (2010, p. 21), são os saberes e enunciados que servem de base, onde “qualquer formulação se dá determinada pelo conjunto de formulações já feitas”.

Na obra, percebemos o funcionamento da memória nas ações emblemáticas que evocam o espírito de guerra, por exemplo. As figuras de luta, dos heróis e vilões são recorrentes tanto na obra de Molnár quanto na história húngara. A questão da invasão é algo tocante à sociedade do país. Conforme Lukacs (2009), o povo húngaro teve suas terras conquistadas pelos exércitos turcos em 1526 e seu país foi dividido sob três domínios durante um século e meio marcado por guerras e destruição. Para expulsarem os turcos, receberam a ajuda dos austríacos, o que os colocou sob o domínio do Império Habsburgo até o século XX. Podemos relacionar essa questão histórica de invasões e batalhas com a disputa pelo *grund*, pela terra, que, apesar de pequena e “sem valor”, era tão amada e defendida pelo pequeno grupo. O *grund* funcionaria, assim, como uma metáfora para a Hungria. Além disso, como ressalta Ascher, “O patriotismo, que sobreviveu a essa frustrada luta (...) mostra-se em muito do que os personagens fazem,

na maneira como se comportam (...). De seus lemas às cores de suas bandeiras, há muitos detalhes que evocam as batalhas épicas de 1848-49” (2005, p. 253-254).

4. Títulos: transposição, sintaxe e silenciamento

Aubert (1998) apresenta, conforme já exposto, a técnica de *transposição* como o caso onde ocorrem rearranjos morfossintáticos, isto é, fundição e desdobramento de palavras, ou mudança na estrutura sintática dos elementos. Em nosso material de análise, há um exemplo logo no título da obra. Vejamos a SD² abaixo.

SD 1	
SDH	A Pál utcai fiúk
SDI	The Paul Street Boys
SDP	Os meninos da rua Paulo

Fonte: elaborado pelo autor.

Apesar de o húngaro ser uma língua aglutinante – isto é, uma língua onde acontece a união de diversos morfemas, vocábulos etc., gerando uma única unidade de significação –, nos títulos das obras, as unidades significativas são similares. Observamos, entretanto, a *transposição*, principalmente, no morfema que designa origem. Em húngaro, o sufixo *-i* indica origem, pertencimento. Por isso, *utcai* indica *da* rua. Nesse caso, a *transposição* é obrigatória, já que nas relações húngaro-português e húngaro-inglês, os sistemas linguísticos são diferentes. Em português, é necessária a preposição *de*; já no inglês, o sentido de pertencimento acontece pela adjetivação do substantivo *boys* (meninos), quando os termos *Paul Street* (Rua Paulo) o antecedem.

É possível notar, também, a *transposição* através da ordem sintática dos elementos. Com exceção das formas de indicarem pertencimento, as estruturas húngara e inglesa são, neste caso, semelhantes: o artigo definido (*A* e *The*) antecede o nome *Paulo*, que adjetiva o termo seguinte: *rua* (*utca* e *street*), juntos, qualificam o substantivo *meninos* (*fiúk* e *boys*); o plural também é marcado por meio da mesma lógica (sufixos *-k* e *-s*). A tradução em português, contudo, modifica a ordem dos elementos ao colocar o substantivo antes dos adjetivos, que, por si só, funcionam também de forma oposta ao húngaro e ao inglês: o nome *Paulo* segue e modifica o termo *rua*, que segue e qualifica o substantivo *meninos*.

A partir disso, façamos algumas reflexões pelo viés discursivo: tanto no título do texto fonte quanto nos das traduções, está claro a que lugar os meninos pertencem? Não haveria mais nada a ser dito/sendo dito nessas pequenas frases? Mittmann (2010), seguindo Indursky, diz que a “*aparência de estabilidade é o efeito-texto*, isto é, ‘o efeito de uma superfície plana e sem emendas’” (p. 87 – destaques nossos). Indursky (2009), ao discutir o *efeito-texto*, apresenta o texto como uma *materialidade de dupla face*. Visto dessa forma, segundo a autora, há um aspecto empírico do texto, pois é “dotado de uma superfície linguística que tem começo, meio e fim, fechado em si mesmo”; e há um aspecto discursivo, “tomado como uma materialidade discursiva, aberto à

² SDH = sequência discursiva do texto fonte, em língua húngara.

SDI = sequência discursiva da tradução em língua inglesa.

SDP = sequência discursiva da tradução em língua portuguesa.

exterioridade, ao interdiscurso e afetado por suas condições de produção e cujo sentido permanece indeterminado” (p. 118). Em outras palavras,

o texto é um *espaço discursivo simbólico*, não fechado sobre si mesmo, e *seu fechamento é apenas imaginário*. Entretanto, em função de sua dupla face, pode-se dizer que, *embora sua face discursiva esteja permanentemente aberta à exterioridade, a superfície linguística do texto necessita produzir um efeito de fechamento* para que o efeito-texto possa se produzir. Portanto, pode-se dizer que o texto é, ao mesmo tempo, aberto à exterioridade, ao interdiscurso, e simbolicamente fechado. (INDURSKY, 2009, p. 123-124 – destaques nossos).

O adjunto *da rua Paulo* provoca um efeito de fechamento, que é produzido pelo processo de escrita, pelo trabalho de autoria, e faz parte da face empírica e linguística na dupla face do texto. Com base em Orlandi (2001 *apud* INDURSKY, 2009), podemos afirmar que, do ponto de vista discursivo, esse fechamento não existe, o texto é aberto à exterioridade e ao não dito: ao dizer que os meninos de que trata a obra são *os da rua Paulo*, o título silencia outros meninos, que não são da rua Paulo, são de outros lugares, e esse silenciamento, que é parte constituinte do enunciado, acaba por também significar, possibilitando outros sentidos ao dizer, pois “o não-dito se atravessa como presença silenciosa, elíptica, no próprio dito” (MITTMANN, 2010, p. 88). Esse silêncio é caracterizado por Orlandi como “a respiração da significação (...) *indica que o sentido pode sempre ser outro*”. (2009, p. 83 - Destaque nosso).

Ao percebermos a presença pela ausência, podemos nos perguntar: quem seriam os outros meninos? Entre as possibilidades, é possível logo pensar nos meninos do grupo rival, os *camisas-vermelhas*, que simbolizam a figura do anti-herói, do inimigo, que, por comporem o imaginário de vilão, “não mereceriam” estar no título. Entretanto, pela memória, podemos relacionar esta questão dos “meninos ditos” e “meninos silenciados” com situações da história húngara em que grupos diferentes dividindo a mesma “região” disputam o domínio físico e ideológico de determinados lugares. Podemos pensar na questão inicial de Budapeste que, como vimos, era dividida, de modo geral, entre o povo germânico, em Buda, e o povo húngaro, em Peste; ou é possível relacionar, ainda, com a Hungria defendendo seu território de grupos estrangeiros nas diversas invasões que ocorreram durante a história (turcos, austríacos etc.).

Desse modo, a ideia de obviedade, homogeneidade e transparência é, portanto, um efeito. Os sentidos não são estáveis, eles estão submetidos às condições de produção, que, por sua vez, também não são estáveis e homogêneas, já que, de acordo com Indursky (2009), elas são de natureza histórico-social. Ainda conforme a autora, “um texto marcado por suas condições de produção está aberto à exterioridade, ao interdiscurso, à ideologia”. (Ibid., p. 118). Por essa razão, o sentido desliza e tudo vai depender das condições às quais está submetido.

5. Notas de rodapé, formação discursiva e leitor virtual: os casos de explicitações

Nesta seção, analisaremos casos de uma outra modalidade: as explicitações – por notas de rodapé –, a fim de observar possíveis concepções de tradução por parte dos tradutores, e, em decorrência disso, a construção de *leitores virtuais* particulares. Iniciamos essa questão abordando a noção de *formação discursiva* (doravante FD).

Conforme Indursky (2008, p. 11), que parte de Pêcheux, a FD “corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos, que representam um modo de

relacionar-se com a ideologia vigente, regulando ‘o que pode e deve ser dito’”. Cada FD apresenta uma *forma-sujeito*, que, por sua vez, é composta por (e regula) “diferentes *posições-sujeito* que a interpelação ideológica lhe faculta” (Ibid., p. 17 – destaque nosso) – o que a autora chama de *fragmentação da forma-sujeito*. Dessa forma, na FD, “há espaço para a diferença e a divergência, tornando-se igualmente heterogênea, não idêntica a si mesma”. (Ibid., p. 16). Ela acrescenta que, sendo assim, “o sujeito se identifica com a FD através de uma de suas posições-sujeito e, por seu viés, com a forma-sujeito”. (2008, p. 19).

Ou seja, o sujeito não se identifica com a totalidade dos saberes de uma FD, mas “com uma parcela dos saberes”. (2008, p. 20) Ao comportar tal heterogeneidade, uma FD abrange identificações e tensões. Através de SDs das notas das traduções de Ronái e Ascher, o que veremos a seguir é um exemplo dessas diferenças e identificações distintas em uma FD particular: a *Formação Discursiva Tradutória* (FD^{Trad}), proposta por Henge (2015, p. 36) como “um certo domínio de saberes sobre tradução”.

Posto isso, voltemos ao conceito de *explicitação*, que, mais uma vez, segundo Aubert (1998), “ocorre quando informações implícitas no texto fonte são explicitadas no texto meta”. Há, no entanto, algum limite ou uma noção do que deve (e quando deve) ou não ser explicitado? Questionamos a respeito disso, pois identificamos diferenças no tipo de conteúdo das notas de Rónai e Ascher – o que, além de poder expressar concepções de nota distintas para cada tradutor, pode gerar um efeito de que as notas se dirigem a públicos diferentes. Isto nos leva à noção de leitor virtual.

A construção imaginária de tipos de leitores diferentes é possível porque, de acordo com Orlandi, “há um *leitor virtual* inscrito no texto” que é “*constituído no próprio ato da escrita*. (...) leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige” (1993, p. 8-9 – Ddestaque nosso).

Na tradução em português, vinte e três notas são de Rónai, presentes já na edição de 1952; na reedição de 2005, além das vinte e três de Rónai, cinquenta notas de Ascher compõem a obra – o que contrasta com a total inexistência de notas na tradução em inglês. As explicitações de ambos, de forma geral, vão desde informações sobre a pronúncia do nome dos personagens até explanações sobre aspectos históricos.

Das notas de Rónai, dezessete somente informam como pronunciar nomes húngaros, mantendo a mesma estrutura: “Pronuncia-se...”. Ele parece recorrer às notas em situações extremamente necessárias – e tornar os nomes húngaros legíveis ao leitor virtual aparenta ser um desses casos. No exemplo abaixo, o tradutor, no capítulo um, explica como pronunciar o nome Nemetsek:

SD 2	
SDH	-
SDI	-
SDP	Pronuncia-se Nêmetsek. (p. 20).

Fonte: elaborado pelo autor.

Ascher, por sua vez, parece ter uma concepção mais ampla e flexível das possíveis funções das notas. Afirmamos isso pois identificamos, em suas notas, conteúdos mais abrangentes e extensos do que aqueles das notas de Rónai. Exemplificamos com a SD 3, onde Ascher adiciona uma nota a uma passagem, do capítulo três, em que o autor, ao

narrar que os camisas-vermelhas iriam declarar guerra aos da rua Paulo, escreve: “(...) decidiram a luta por motivo semelhante ao que desencadeia as guerras de verdade. Os russos precisavam de mar, por isso atacaram os japoneses. Os camisas-vermelhas precisavam de terreno (...)” (2005, p. 76).

SD 3	
SDH	-
SDI	-
SDP	Alguns críticos situam a trama na década de 1880, mas a menção aqui, claramente anacrônica, é à guerra russo-japonesa, de 1904, ou seja, que ocorreu pouco antes da publicação do livro. (p. 76)

Fonte: elaborado pelo autor.

Podemos identificar aí, além de uma questionável certeza do revisor expressa pelo advérbio “claramente”, uma provável distinção na concepção de nota entre os tradutores e o revisor. Isso é possível porque, de acordo com Henge (2015, p. 36), na FD^{Trad}, “concepções de tradução bastante conflitantes entre si” podem ser mobilizadas em decorrência da heterogeneidade dessa FD. Ou seja, o tradutor e o revisor, aqui, identificam-se de formas diferentes e/ou com saberes diferentes da FD, ocupando posições próximas, porém distintas, suportadas por formações imaginárias, que conduzem suas interpretações.

Como último gesto de análise, seguimos para o aspecto de preservação da identidade húngara da obra. Ambas as edições em português parecem manter, em distintos graus, traços da cultura húngara. Por outro lado, a tradução em inglês pouco parece expressar esse efeito de preservação. Pelo contrário, identificamos a não-preservação, isto é, a *domesticação*, que, segundo Venuti (1996, p. 99 apud HENGE, 2015, p. 32), trata-se da “supressão das diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro, assimilando-os aos valores dominantes da língua-alvo, tornando-o reconhecível”. Abaixo, vemos que, ao contrário de Rónai e Ascher, que parecem buscar a permanência do outro ao manterem a palavra húngara *krajcár* e explicarem, por nota, que se trata do equivalente ao centavo brasileiro, Rittenberg traduz, sem acrescentar explicações, *krajcár* para *penny*, que equivale, também, a centavo, em inglês.

SD 4	
SDH	-
SDI	-
SDP SDP	Pronuncia-se <i>cráitsar</i> . Um <i>krajcár</i> equivale a 1/100 do florim húngaro (<i>fórint</i>), algo como 1 centavo. (p. 23).

Fonte: elaborado pelo autor.

Identificamos aí o apagamento que há, na tradução em inglês, do que um *krajcár* poderia significar, já que, conforme a nota em português, seria *algo como* 1 centavo. Na

tradução em inglês, não há essa abertura. Há o efeito de sentido de que *é penny*, não que seria *algo como*.

Além disso, cabe destacar que a SD 4 é produção de Rónai somente no trecho “pronuncia-se *cráitsar*”, sendo o restante, explicação de Ascher, o que mostra, mais uma vez, a diferença de relação estabelecida pelo tradutor e pelo revisor com os leitores virtuais.

Considerações finais

Buscamos apresentar o quão produtivo um trabalho de análise comparativa de traduções sob o ponto de vista da AD pècheuxtiana pode ser. Após breve contextualização, procuramos identificar enlaces entre história (condições de produção e memória) e língua e apresentar possibilidades de leitura.

Identificamos possíveis diferenças nas concepções de tradução e nas construções de leitores virtuais. Observamos na tradução para o português tanto a preservação da identidade húngara da obra, com a permanência de aspectos do texto fonte através da palavra húngara e sua pronúncia (pelo tradutor Rónai), além de um movimento de explicação para o leitor virtual (pelo editor Ascher), como a domesticação para as condições de produção da tradução em inglês com a palavra *penny*.

REFERÊNCIAS

ASCHER, Nelson. “Posfácio”. In: MOLNÁR, Ferenc. *Os meninos da Rua Paulo*. Tradução de Paulo Rónai e revisão de Nelson Ascher. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

AUBERT, Francis H. Modalidades de Tradução: teoria e resultados. *TradTerm*, 5(1), p. 99-128, 1998.

HENGE, Gláucia da S. *Feitos e efeitos discursivos no processo tradutório do literário: uma discussão sobre o fazer tradutório da obra Pride and Prejudice de Jane Austen*. 2015. Tese – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília. (Orgs.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, p. 9-33, 2008.

_____. A escrita à luz da análise do discurso. In: CORTINA, Arnaldo; NASSER, Sílvia M. G. C. (Org.). *Sujeito e Linguagem*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 117-131, 2009.

LUKACS, John. *Budapeste 1900: um retrato histórico de uma cidade e sua cultura*. Tradução Ana Luiza Dantas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MITTMANN, Solange. *Notas do Tradutor e Processo Tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

_____. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. *Desenredo* (PPGL/UPF), v. 6, p. 85-101, 2010.

MOLNÁR, Ferenc. *Os meninos da rua Paulo*. Tradução de Paulo Rónai. São Paulo: Saraiva, 1952.

_____. *Os meninos da rua Paulo*. Tradução de Paulo Rónai e revisão de Nelson Ascher. São Paulo: Cosac Naify, 13. ed., 2005.

_____. *The Paul Street Boys*. Tradução de Louis Rittenberg. Budapeste: Corvina, 8. ed., 2015.

_____. *A Pál utcai fiúk*. Budapeste: Móra, 2016[1907].

ORLANDI, Eni P Apresentação. In: ORLANDI, Eni P. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, p. 7-12, 1993.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2009.

_____. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. *Discurso e Textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2 ed., p. 11-31, 2010.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Les vérités de la Palice, 1975, por Eni P. Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 2ª ed., 1995.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. et al. *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. São Paulo: Campinas, Pontes, p. 49-57, 1999.

RÓNAI, Paulo. “Prefácio”. In: MOLNÁR, Ferenc. *Os meninos da Rua Paulo*. Tradução de Paulo Rónai e revisão de Nelson Ascher. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

VENUTI, Lawrence. O escândalo da tradução. Tradução de Stella E. O. Tagnin. In: *Tradterm*, n. 3, p. 99-122, 1996.

Data de envio: 06-09-2018

Data de aprovação: 21-11-2018

Data de publicação: 17-12-2018